



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA

Gabriela Costa Silva Capuano

O DESEJO DE LER E SER: DISCUSSÕES SOBRE O APAGAMENTO DO
“EU” EM *A PALAVRA QUE RESTA*, DE STÊNIO GARDEL

Brasília

2024

Gabriela Costa Silva Capuano

**O DESEJO DE LER E SER: DISCUSSÕES SOBRE O APAGAMENTO DO
“EU” EM *A PALAVRA QUE RESTA*, DE STÊNIO GARDEL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Isabel Edom Pires

Brasília

2024

O desejo de ler e ser: discussões sobre o apagamento do “eu” em *A palavra que resta*, de Stênio Gardel

Gabriela Costa Silva Capuano¹

Profa. Dra. Maria Isabel Edom Pires²

Resumo: Este trabalho busca analisar o romance *A palavra que resta* (2021), de Stênio Gardel, sob a ótica do descentramento do narrador contemporâneo desenvolvida por Ginzburg (2012), a partir de dois aspectos essenciais da narrativa de Gardel: *i)* o processo de apagamento de Raimundo, personagem central, decorrente das violências por ele sofridas; *ii)* a escolha da carta como recurso condutor dos desejos do personagem. Propomos uma discussão acerca da marginalização do indivíduo, abarcada sobretudo em repressões patriarcais, as quais permeiam a narrativa de diferentes maneiras, de modo que o narrador se veja diante dos desafios, da solidão e da frustração do autorreconhecer-se e enxergar-se como indivíduo. Com base nessas reflexões, examinamos alguns dos recursos narrativos escolhidos por Gardel, com ênfase na escolha da carta como elemento intermediário e nas suas relações com os personagens centrais e com os próprios leitores do romance.

Palavras-chave: descentramento; apagamento; marginalização; autorreconhecer-se.

Abstract: This paper aims to analyze the novel *A palavra que resta* (2021) by Stênio Gardel through the lens of the decentering of the contemporary narrator, as developed by Ginzburg (2012), focusing on two key aspects of Gardel's narrative: *i)* the process of Raimundo's social erasure due to the gender-based violence he endured; *ii)* the choice of the letter as a vehicle for the character's desires. We propose a discussion on the exclusion of the individual, primarily shaped by patriarchal repressions, which permeates the narrative in several ways, confronting the narrator with self-conflicts, loneliness, and the frustration of self-recognition. Based on these reflections, we examine some of the narrative techniques employed by Gardel, with particular emphasis on the use of the letter as an intermediary element and its connections with the central characters and the novel's readers.

Keywords: decentering; social erasure; exclusion; self-recognition.

¹ Graduanda em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, Licenciatura, na Universidade de Brasília.

² Docente do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília.

Nunca mais o vi, depois que foi embora. Nunca nos escrevemos. Não havia mesmo o que dizer. Ou havia? Ah, como não sei responder as minhas próprias perguntas! É possível que, no fundo, sempre restem algumas coisas para serem ditas.

(Caio Fernando Abreu)

INTRODUÇÃO

Na produção literária contemporânea brasileira, observamos a concepção de obras literárias que fogem aos padrões, isto é, desafiam-nos em meio ao tensionamento da relação entre memória, identidade e subjetividade, “priorizando elementos narrativos contrários ou alheios à tradição patriarcal brasileira” (Ginzburg, 2012). Em sua primeira publicação, *A palavra que resta* (2021), Stênio Gardel, autor cearense, elabora uma complexa narrativa, confrontando, assim como aponta Ginzburg (2012), tradições conservadoras no país e trazendo, conseqüentemente, uma perspectiva renovadora para a literatura contemporânea.

A obra de Gardel, além de percorrer uma pungente jornada de autorreconhecimento (e *autoconhecimento*), carrega consigo a força de uma denúncia que por nós não é desconhecida, mas é por vezes secularizada, especialmente quando são questionados padrões tão socialmente arraigados. Há muitas camadas que constroem, historicamente, o pensamento misógino e heteronormativo – assentado em pressupostos patriarcais e causador de subjugações e humilhações. Ao tratar desse livro, é impossível que se desvincule o entendimento a respeito das noções de heteronormatividade, homofobia e, até mesmo, misoginia, uma vez que diversos “papeis de gênero” são apontados na obra, como forma, também, de subjugação.

O tratamento sensível do autor para com o analfabetismo se torna, similarmente, uma das bases do romance – além de se relacionar diretamente com os papeis de gênero mencionados. O analfabetismo, conforme a perspectiva de Freire, constitui-se como “a expressão da pobreza, consequência inevitável de uma estrutura social injusta”, de modo que seja ingenuidade esperar combatê-lo sem, antes, combater as suas causas (Gadotti, 1995, p. 28 *apud*. Teixeira, 2004, p. 51). O romance de Gardel traz, dessa maneira, de forma interligada, dinâmicas econômicas e sociais, possibilitando que enxerguemos os efeitos conjuntos dessas repressões.

No Brasil, há importantes produções artísticas que representam a realidade do analfabetismo como um dos retratos da exclusão social no país. O filme *Central do Brasil* (1998), dirigido por Walter Salles, por exemplo, nos apresenta à personagem Dora, interpretada por Fernanda Montenegro, que trabalha escrevendo cartas para pessoas que não sabem ler nem escrever. A obra cinematográfica retrata, de forma clara, a marginalização daqueles que, sem acesso justo à educação, dependem do outro para se comunicar. O deslocamento do mundo letrado configura-se como uma das mais duradouras formas de exclusão, apesar de, muitas vezes, ser um conflito latente. Gardel (2021) redige uma narrativa que suporta, assim como o filme, as dores dessa repressão aliadas à formação de novos laços, uma nova família, permitindo que a jornada de marginalização seja acompanhada e superada conjuntamente, em meio à naturalidade da trama.

Propomos, portanto, uma análise de *A palavra que resta* (2021), sobretudo considerando aspectos de exclusão social, e inevitavelmente política e econômica, que reforçam os preconceitos e as reproduções de padrões encontrados na narrativa. Como objetos centrais de análise, projetamos um exame sobre o apagamento do protagonista da trama – perpassando vivências de violência familiar transgeracional, homofobia e analfabetismo –, com base na noção de descentramento do narrador, e sobre alguns dos recursos narrativos escolhidos pelo autor, em especial o vínculo temporal e emocional que a carta carrega no romance.

NARRADOR DESCENTRADO

As produções de críticas literárias centraram-se, por um longo período, em teorias voltadas apenas ao cânone. Jaime Ginzburg, em *O narrador na literatura brasileira contemporânea* (2012), produz um significativo estudo a respeito da produção literária brasileira recente, trazendo para análise justamente a necessidade de que novas perspectivas sejam desenvolvidas no âmbito da crítica literária. As produções literárias contemporâneas articulam temas sociais e complexos com um diferencial narrativo que se afasta da tradição brasileira, a qual é majoritariamente voltada à cultura patriarcal. Quando essa cultura é desafiada, colocada como pano de fundo para a subjetividade da narrativa, aspecto central e determinante das prosas contemporâneas, ocorre o que Ginzburg (2012) trata como sua principal reflexão acerca das teorias do narrador: o *descentramento*. Observamos, dessa forma, a seguinte noção:

O centro, nesse caso, é entendido como um conjunto de campos dominantes na história social – a política conservadora, a cultura patriarcal, o autoritarismo de Estado, a repressão continuada, a defesa de ideologias voltadas para o machismo, o racismo, a pureza étnica, a heteronormatividade, a desigualdade econômica, entre outros (Ginzburg, p. 201, 2012).

Enquanto o centro compreende, em sua maioria, aspectos legitimados socialmente, o narrador descentrado confronta essas tradições, de maneira que as narrativas passem a ser compostas pelas perspectivas geralmente não legitimadas, secularizadas e carregadas de estigmas sociais. Silviano Santiago, em *Nas malhas da letra: ensaios* (2002), especificamente no ensaio “Prosa literária atual no Brasil”, traz à tona algumas considerações quanto a essas minorias, postulando que a questão responsável por envolver esses grupos tem dupla configuração, apresentando vigência histórica – no que diz respeito à ativação das forças neutralizadoras da sociedade branca e patriarcal brasileira – e sendo atual – ao voltar-se aos temas que representam a repressão moderna, suas nuances e suas raízes. Acerca da área temática dessas produções, aponta:

Tematizada e dramatizada pela prosa (de ficção, ou talvez não) brasileira atual, a questão das minorias aproveitou o canal convenientemente aberto pela prosa modernista e a dos ex-exilados, e se deixou irrigar pelas águas revoltas da subjetividade (Santiago, p. 41, 2002).

Nesse contexto, não somente se desestrutura o princípio de que não é mais possível narrar, que se configura como a base da crítica desenvolvida por Ginzburg (2012), mas também se observa a afirmação do ato de narrar nas produções contemporâneas – fortemente alicerçadas no que o autor chama de *negatividade constitutiva do sujeito*. A narração passa a ser produzida mediante uma expansão de horizontes, em que o país passa a ser interpretado sob óticas diferentes, representando grupos “historicamente condenados à mudez” (Ginzburg, 2012, p. 203). Esse movimento, além de carregado das águas revoltas da subjetividade mencionadas por Santiago (2002), foge àquele ufanismo literário, em que, mesmo trazendo temas relacionados à repressão, não são reconhecidas as questões por ela levantadas. Entendemos, assim, que se trata de uma forma distinta de encarar o papel dos narradores, a qual fortalece as noções de reconhecimento de memória e empatia diante de perspectivas traumáticas daqueles que sofrem repressão.

ANALFABETISMO

A palavra que resta (2021) é um romance constituído precisamente pelas noções de descentramento trazidas por Ginzburg (2021). Stênio Gardel nos apresenta um protagonismo transgressor e potente, passeando por uma narração ora em terceira pessoa ora em primeira, de forma que se observe um contraste entre discursos – quando o narrador assume o lugar do personagem, passa-se a uma narração mais psicológica e pessoal, além de oralizada.

O livro narra a história de Raimundo Gaudêncio de Freitas, um homem idoso, analfabeto e homossexual, que, ao dar início à sua vida como leitor, já aos 71 anos, rememora tudo aquilo que viveu. Em sua juventude, não pôde ir à escola, devido à realidade econômica de sua família, precisando ser trabalhador rural com seu pai. Criado no sertão nordestino, sempre sentiu que havia algo diferente em si mesmo, apesar de não compreender exatamente o quê. Deparou-se, na adolescência, com uma paixão efervescente por um de seus amigos de infância, Cícero, criado na mesma comunidade em que vivia. Às escondidas, mantiveram seus encontros até o momento em que o pai de Cícero os descobriu, compartilhando a relação dos dois com a família de Raimundo. É a partir desse momento que a jornada de exclusão do personagem se torna mais intensa, atravessando caminhos de preconceito e rejeição.

É interessante que, para desenvolver esta análise, organizemos a narrativa partindo, inicialmente, da trajetória de Raimundo enquanto indivíduo marginalizado. Sua jornada de apagamento não tem início quando o rapaz descobre sua sexualidade; ela o alcança muito antes, com sua situação socioeconômica, que, atrelada à estipulação de papéis de gênero, faz com que o personagem seja apartado do mundo letrado. Apesar de seu desejo, como é demonstrado no trecho “a vontade, tinha sim, desde menino, mas o pai lhe dizia que a letra era para menino que não precisava encher o próprio prato” (Gardel, 2021, p. 11), Raimundo vive uma vida árdua e que o impossibilita, por muito tempo, de estudar.

Há, dessa maneira, a primeira marca da marginalização de Raimundo. À deriva da sociedade, mesmo abandonando seu lar violento e repressivo, o personagem deve se manter nos limites, aproveitando as escassas oportunidades que surgem. Paulo Freire, nas suas reflexões em *A importância do ato de ler*, articula que “o analfabeto, porque não a tem [a leitura], é um ‘homem perdido’, cego, quase fora da realidade” (Freire, 1989, p. 18). O narrador de Gardel traz a mesma reflexão: “ruim demais não saber [ler], é quase ser cego podendo enxergar” (Gardel, 2021, p. 19). As analogias usadas pelos autores elucidam perfeitamente a força do analfabetismo no processo de apagamento do “ser”: é estar em um mundo repleto de vastos horizontes, mas ser mantido sempre sob os mesmos limites, não sendo possível explorar, enxergar e sentir. Trata-se, assim, de sobrevivência, de alcançar o

mínimo de dignidade que o homem merece. Raimundo se ocupa com trabalhos braçais e parece envergonhar-se de não saber ler:

— Tu não sabe assinar o nome?

— Sei não, é, não sei assinar o nome, não, e vem me perguntar isso por quê?

sim, é, pois é, não aprendi quando era menino, e tanta vida sendo chapa, não paro muito tempo no mesmo lugar. A precisão aparece é muito, que nem ontem quando a moça da recepção me entregou um papel, uma ficha, ela disse, e eu tive que olhar pra ela enquanto olhava pra minha vida todinha sem poder ler, até abaixar a vista pro balcão encardido e dizer que não conseguia ler nem escrever (Gardel, 2021, p. 111).

HETERONORMATIVIDADE

Além do foco à palavra, o romance de Gardel (2021) é inteiramente permeado por aspectos de gênero, os quais, neste trabalho, serão divididos em alguns tópicos, a fim de que possamos observar a maioria dos elementos suscitados pela narrativa. Daremos atenção, então: *i)* à violência familiar transgeracional, isto é, à reprodução dos mesmos padrões assentados em preceitos patriarcais; *ii)* aos não-dizeres que perpetuam as dores no ambiente familiar; *iii)* aos sutis traços religiosos existentes na obra; e, por fim *iv)* à atribuição de papéis marcada por estereótipos de gênero e por responsabilidades econômicas e sociais distintas.

Borges *et al.* (2013) propõem tratar os conceitos de gênero e patriarcado conjuntamente, tendo em vista a abrangência dos espectros de gênero. Para tanto, elucidam o conceito de patriarcado conforme Allan Johnson³: “uma sociedade é patriarcal na medida em que é dominada por machos, identificada com machos e centrada nos machos” (Johnson, 1997, p. 4 -5 *apud* Borges *et al.*, 2013, p. 65). A sociedade patriarcal está enraizada no “culto ao masculino”. Dessa concepção, surgem dois fatores que em muito se relacionam: a misoginia e a heteronormatividade.

Os desdobramentos do patriarcado perpassam diferentes períodos históricos e ganham novas roupagens que se adaptam aos diferentes tempos. [...] Os valores que constroem o pensamento misógino e heteronormativo estão assentes em pressupostos patriarcais, sobretudo no que diz respeito à subjugação do outro a uma condição não apenas manifesta, mas também latente de inferioridade, desprezo e humilhação (Borges *et al.*, 2013, p. 66).

Sendo assim, ainda que sejam performados os supostos trejeitos de masculinidade convencionais, tudo aquilo que se distancia dos valores associados à heterossexualidade é

³ Johnson, Allan G. *The gender knot*. Unraveling our patriarchal legacy. Philadelphia: Temple University Press, 1997.

visto como distorcido – formam-se preceitos que “regram a sociedade e devem ser compulsórios aos indivíduos” (Borges *et al.*, 2013, p. 67). É nisso que a heteronormatividade se fundamenta, trazendo concepções daquilo que é “natural” ou não, aspecto basilar da homofobia.

Daniel Borrillo (2010) discute sobre os diferentes conceitos do termo *homofobia* ao longo da história, ao qual, de modo geral, se aplica a noção de hostilidade aos homossexuais. Segundo o autor, abrangendo as facetas psicológicas e simbólicas dessa forma de preconceito:

O termo “homofobia” designa, assim, dois aspectos diferentes da mesma realidade: a dimensão pessoal, de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição dos homossexuais; e a dimensão cultural, de natureza cognitiva, em que o objeto da rejeição não é o homossexual enquanto indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social (Borrillo, 2010, p. 22).

Há, desse modo, uma construção moral sustentada primordialmente nos valores patriarcais. Dela, emanam vastas formas de preconceitos de gênero, dentre as quais despontam a subjugação das mulheres e a normatização da sexualidade, de forma que tenha sido concebida, historicamente, “uma série de juízos morais sobre o homossexual como uma figura maléfica, marginal e passível de perverter a ordem social” (Borges *et al.*, 2013, p. 67).

Em *A palavra que resta* (2021), Raimundo é subjugado tanto pelos outros – pela sua comunidade e sua família – quanto por si próprio. Essa subjugação própria, sentir-se errado, imundo e inadequado, ampara-se na dimensão cultural trazida por Borrillo (2010). O personagem se sente renegado por aqueles que ama, na medida em que renega a si mesmo. Em sua jornada ao sair de casa, passa por constantes questionamentos acerca de quem é, reproduzindo até mesmo as violências que viveu. Isso evidencia a dinâmica cultural por trás da perpetuação desses preconceitos: trata-se de uma estrutura social complexa e punitiva.

Violência familiar e reprodução de padrões

Quando o pai de Raimundo, Damião, descobre sobre Cícero e seu filho, ele se torna agente de uma situação de abuso e repressão. Damião acredita que a única forma de livrar Raimundo dessa *maldição* seja por meio de atitudes violentas, para “poupá-lo” da morte, afastando-o cada vez mais de sua família.

— O senhor vai me bater até me botar numa cova?

— Não, Raimundo, não, tu acha que eu sou capaz de matar alguém? Quanto mais meu filho? Tu é meu filho, o que estou fazendo é pra te tirar do caminho da morte.

— Que morte, pai?

— Eu tiro essa coisa de você, antes que ela lhe tire de mim.

(Gardel, 2021, p. 40 - 41)

A complexidade dessa relação de pai e filho manifesta-se, sobretudo, nas relações que Damião tem com seu passado. O narrador nos conduz por um percurso de sofrimento que nos permite enxergar a amplitude dos sentimentos de Damião, bem como as raízes daquilo que o personagem afirma com tanto afínco. Agora, na perspectiva de Damião, o livro revela:

O pai deles sabia que Dalberto não nadava, ainda estava aprendendo. Mesmo assim, levou o filho até a beira do rio e ordenou que chegasse no outro lado. Estava na hora, um homem naquela idade não saber nadar! Dalberto olhou para o pai, a corda na mão direita. O rio ou outra surra. Nem o pai queria outra surra, a última surra. Mandava Dalberto para o rio. Não podia ter filho que gostava de macho. A natureza do mundo que desse conta de sua natureza enviesada (Gardel, 2021, p. 54).

Seu irmão, Adalberto, partilhava a mesma natureza “enviesada” de Raimundo. Damião, embora com ressentimentos – carregando seu luto –, reproduz as mesmas atitudes de seu pai, exceto por um detalhe não tão sutil: ele não chega à brutalidade que presenciou. Segundo Borrillo (2010, p. 16), “a homofobia é um fenômeno complexo e variado que pode ser percebido nas piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo efeminado, mas ela pode também assumir formas mais brutais, chegando até a vontade de extermínio”. O pai de Damião e Adalberto chega ao limite, ao extremo da não aceitação, preferindo condicionar seu filho à morte. É quase como um *suicídio assassinado*; Adalberto não tem saídas, mas prefere morrer a revogar o próprio eu.

O caráter estrutural por trás dessas violências possibilita que entendamos a naturalidade com a qual elas são propagadas, afinal, “a homofobia é algo familiar e, ainda, consensual, sendo percebida como um fenômeno banal” (Borrillo, 2010, p. 17). Por isso, ainda que preenchido pelo luto do próprio irmão, não há quebra de padrões; pelo contrário, Damião acredita firmemente que seu irmão poderia ter sido poupado se tivesse sido livrado de sua natureza “não natural”. É o que tenta, ainda, alcançar com Raimundo, mas acaba por sofrer outra perda. Agora, seu filho decide ir.

Não dizeres

A relação conflituosa de Raimundo com seus pais, atordoados com a sua sexualidade, é demonstrada de formas distintas. Há, na dinâmica familiar, dizeres velados, palavras que não são ditas, como se fossem escondidas para evitar que se tornem verdade. Damião guarda seus ressentimentos e recorre à força física. Depois da partida de Raimundo, as palavras continuaram veladas, ainda que a dor da distância deteriorasse tudo:

pegou um carro e tudo pra ir até as saídas da cidade, mas não te alcançou, voltou entristecido, os olhos vermelhos, pegou a estrada pro rio, de noite já fui encontrar ele ajoelhado perto da cruz [...] foi esquecendo, mas sem esquecer, que a gente via um lamento nele, desfazendo o entendimento, tirando as forças (Gardel, 2021, p. 85)

Com relação à sua mãe, Caetana, o silêncio parecia ainda mais doloroso. Não havia manifestações violentas de sua parte, mas existia uma mudez torturante, que o consumia por não conseguir ser honesto sobre si mesmo e que o punia com o consentimento calado. “O silêncio da casa era todo o silêncio da mãe, como se ela nem estivesse por perto, mas ela estava, só não ao lado dele” (Gardel, 2021, p. 64).

Dentre as palavras que não são ditas, há, também, a tentativa de esconder a realidade, navegando na mesma ideia de que o que está oculto não pode alcançar a família. Foi só quando estava prestes a ir embora que Raimundo soube da verdade: Adalberto, seu tio falecido, era também homossexual. A falta de referências e de identificação propiciaram gradualmente a degradação de seu ser. É possível que se pondere: seu sentimento de deslocamento do mundo poderia ser apaziguado com um senso de identificação?

— Como pode isso, mãe? O vô matou um filho?

— Teu avô fez o que fez por causa de Dalberto.

As imoralidades de Dalberto, pulso firme do vô, o pai apanhou junto do irmão, Dalberto gostava de macho, Dalberto frouxo,

— E por que esconder a morte dele? (Gardel, 2021, p. 76)

Traços religiosos

Embora o livro não centralize os traços religiosos como fonte determinante da subjugação sofrida por Raimundo, há claras marcações que demonstram os preceitos religiosos que fundamentam determinados preconceitos. Os aparatos religiosos servem, nesse

contexto, como a justificativa necessária para confirmação da heterossexualidade compulsória. Consequentemente, por não sentir que faz parte da naturalidade humana, Raimundo se sente imundo e inadequado, assim como deslocado do mundo em que vive. Borrillo (2010, p. 40) menciona, em suas discussões sobre homofobia, a normalidade empregada a essas repressões. A homofobia é colocada em uma posição de “quase uma opinião de bom senso”. É muito simples que sejam usados, assim, discursos religiosos para que qualquer fuga à norma estipulada seja tratada como uma maldição.

Além do mais, é interessante que observemos as relações – as reproduções de padrões, como já visitamos em alguns trechos – do passado de Damião com seu tratamento com Raimundo. O pai de Adalberto e Damião reforçava um discurso, ao qual o filho respondeu, gerando um dos trechos mais devastadores da narrativa:

foi, nunca aceitou, e quando ele quis te proibir de ir no casamento, a mãe me disse que tu enfrentou ele, esticando os braços, estufando o peito, sem se caber, arregaçava a boca,

— Sou assim e pronto, meu pai! Não tem senhor, não tem **Nosso Senhor** que vá mudar isso, nem tem que mudar, nem quero mudar!

E o pai explodiu de novo e da explosão só restou essa cruz (Gardel, 2021, p. 52, grifo nosso).

É diante dessa noção, a de que o indivíduo é transgressor e pecador, que Raimundo vai se afundando em si mesmo. Sente-se imundo, sujo e responsável por “contaminá-los”, por ruir a vida de sua família.

Gente torta, povo imundo, foi isso que o pai lhe disse. Sujo. Não de terra, nem de lama, nem de areia e sangue como ele estava agora. **Não era sujo na pele, do lado de fora. Era dentro, lá onde ele era.** O ar que inspirava se tornava impuro, e Raimundo expirava podridão. (Gardel, 2021, p. 61, grifo nosso)

Borrillo (2010, p. 40) explica a solidão derivada do ostracismo associado à homossexualidade. Não há apoio das pessoas ao seu redor, da mesma forma que não existe, geralmente, amparo no ambiente familiar. O indivíduo se torna, dessa forma, “mais facilmente vítima de uma aversão a si mesmo e de uma violência interiorizada”, sendo, inclusive, mais suscetível a cometer suicídio. O conflito interno de Raimundo pode ser observado durante toda sua jornada, especialmente quando deparado com a subjugação dos pais, que, dolorosamente, colocam-no na posição de maldito. Caetana chega a culpá-lo pela morte dos gêmeos, irmãos de Raimundo, que nasceram prematuramente e não sobreviveram:

— E tu não pensa que foram tuas mãos sujas que tiraram a vida do Pedro quando tu segurou ele? E do Manuel, que a casa já estava toda emprestada desse **pecado**, dessa imundice tua com Cícero? Isso que tu fez não é coisa de homem nem **coisa de Deus!**

A voz que afaga, a voz que afoga. (Gardel, 2021, p. 77, grifo nosso)

Papeis de gênero

O processo de socialização dos indivíduos reside em uma série de atribuições históricas de papéis que variam de acordo com trejeitos de feminilidade e masculinidade. Borrillo (2010, p. 89) discorre que “segundo o processo de socialização masculina, a aprendizagem desse papel efetua-se em função da oposição constante à feminilidade”. Raimundo desenvolveu, em sua juventude, habilidades de costura, apesar de se tratar de um *papel feminino*. Entretanto, por muito tempo suprimiu suas vontades e, até mesmo, sua criatividade, afinal, por ser uma atividade “de mulher”, não era uma prática possível em sua realidade (*ainda*, uma vez que o personagem passa por sua jornada de quebra desses estigmas). Mesmo que tenha reforçado as concepções que aprendeu, aceitou guardar a máquina de costura da mãe, a qual veio a usar mais adiante: “podia usá-la com a estante fechada, como uma mesa de estudo, ou para costurar vez ou outra, quando uma outra lembrança precisasse de um remendo. Porque isso não é coisa de homem nem de Deus!” (Gardel, 2021, p. 73).

Dessa maneira, tudo que é “feminino” ou “coisa de mulher” acaba por ser desvalorizado, assim, “os homens que se aproximam de um comportamento socialmente identificado como feminino serão fortemente vigiados, discriminados e, certamente, sofrerão vários tipos de penalidades” (Borges; Meyer, 2008, p. 66 apud Borges et al., 2013, p. 71).

O movimento de marginalização de Raimundo, tal qual sua jornada de autoaceitação, é alicerçado de forma determinante nos aspectos discutidos nesta seção. O propósito da análise e das relações aqui feitas é que sejam observados esses alicerces e como eles contribuíram, na narrativa, para o apagamento social e individual do personagem, fator que traz essencialmente a noção do narrador descentrado organizada por Ginzburg (2012). Nesse sentido, tratando-se do saber descentrado, Santiago (2002) acrescenta que:

A questão das minorias passa tanto por uma necessária descentralização do poder quanto por uma contundente descentralização da fala do saber. O intelectual, tal qual se encontra nos melhores romances e memórias recentes, é aquele que, **depois de saber o que sabe, deve saber o que seu saber recalca.**

(Silviano Santiago, p. 42, 2002, grifo nosso)

A CARTA (FECHADA) COMO RECURSO NARRATIVO

A obra de Gardel (2021) permeia todo o trajeto de vida de Raimundo, intercalando temporalmente presente e passado. Dois caminhos são criados e parecem se conectar nos momentos em que as lembranças do personagem vão surgindo. Existe, nessa composição, um elemento condutor, o qual é responsável por condicionar os dois eixos do romance: o desejo de ler e o desejo de ser. Gardel (2021) utiliza, como recurso intermediário narrativo, a carta de Cícero para Raimundo. Toda a narrativa é marcada pelos sentimentos e pensamentos do protagonista a respeito da carta de Cícero, que nunca é aberta.

Além de unir esses desejos, a carta entrelaça as linhas temporais do romance. Há, desse modo, o *tempo físico*, representado pelo presente, conjuntura em que Raimundo está aprendendo a ler e rememora sua trajetória de autoconhecimento até lá, preso, durante todos esses anos, às possibilidades que a carta poderia trazer; e simbolizando o passado, o tempo psicológico, imerso nas memórias do personagem, o que podemos tratar como *tempo da dor*.

Posto isto, observaremos a dialética da carta de amor como vínculo dos anseios de Raimundo, sobre a qual se atrela a noção trazida na obra *Fragmentos de um discurso amoroso* (1981, p. 32), organizada por Roland Barthes: a carta, ainda que vazia (codificada), é, ao mesmo tempo, expressiva (cheia de vontade de significar o desejo).

Na sua partida, Raimundo se arranca de suas raízes, “levando no bolso da camisa a carta” (Gardel, 2021, p. 11). Ao longo de sua vida, foi sempre acompanhado pela dualidade carregada por ela – como único elo restante com Cícero e seu passado, tornou-se elemento significante de todos os “e se” que a sua vida poderia ter encontrado, por isso, “Raimundo não deixou ninguém ler e envelheceu com o desejo de saber o que ela diz crescendo dentro dele. Feto idoso, rebento tardio. A carta guardava uma vida inteira” (Gardel, 2021, p. 12). Nesse trecho, Gardel (2021) faz uso de um intrigante recurso antitético, levando-nos a refletir sobre a essência do personagem, sua ingenuidade, apesar de sua sabedoria como um indivíduo que já viveu a maior parte de sua vida. O desejo de ler unido ao desejo de ser (aqui constituído como o autorreconhecer-se) constroi a forte ligação de Raimundo, por vezes Gaudêncio – maneira única de Cícero para se referir a seu par –, com sua formação de mundo.

A carta, nunca aberta e, portanto, nunca respondida, confere à narrativa o componente impulsionador do desenvolvimento de Gaudêncio. Ele batalha com seu desejo de ler ao mesmo tempo em que imagina as possibilidades existentes nas palavras de Cícero. É, de uma

única vez, um rompimento e uma ligação: “a palavra separava e ligava a vida dos dois. Palavra danada! Era a voz do fim, eco do passado não vivido” (Gardel, 2021, p. 20).

Ainda em *Fragmentos de um discurso amoroso* (1981, p. 33), descreve-se a carta enquanto representante de um desejo, sobre a qual se entende: “como desejo, a carta de amor espera sua resposta; ela impõe implicitamente ao outro de responder, sem o que a imagem dele se altera, se torna outra”. A carta como elemento codificado, ao qual nem o narrador-personagem nem o leitor tem acesso, articula não somente os desejos do protagonista, mas também do próprio leitor. O conteúdo interditado – a conservação da carta fechada – é uma estrutura narrativa que mantém o leitor do romance, mesmo que inconscientemente, atrelado ao desejo de conhecer o final dessa história de amor. Diz-se inconscientemente, porque Gardel (2021) compõe um romance tão simbólico e significativo que, já de início, são entendidas as dimensões dos desafetos e dores abordados na obra e é concebida a ideia de que talvez nunca haja, para essa carta, uma resposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos analisar como o descentramento do narrador contemporâneo, conforme proposto por Ginzburg (2012), se manifesta em *A palavra que resta* (2021), de Stênio Gardel. Por meio de Borrillo (2010) e Borges *et al.* (2013), relacionaram-se conceitos de gênero à obra de Gardel (2021), demonstrando o enfrentamento de uma jornada assentada em repressões patriarcais e no apagamento social (e individual) do protagonista.

Por intermédio de alguns recursos narrativos, sobretudo a carta, propusemos um exame acerca da jornada de Raimundo em direção ao seu autoconhecimento e ao seu aprendizado voltado ao mundo letrado, com foco nos dois eixos de desejo da narrativa: o de ler e o de ser.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Tradução de Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

BORGES, Zulmira. *et al. Patriarcado, heteronormatividade e misoginia em debate: pontos e contrapontos para o combate à homofobia nas escolas*. Latitude, vol. 7, n. 1, p. 61 - 76, 2013.

BORRILO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1989.

GARDEL, Stênio. *A palavra que resta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GINZBURG, Jaime. *O narrador na literatura brasileira contemporânea*. Tintas. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane, 2 (2012), p. 199 - 221.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

TEIXEIRA, Raimundo. *A alfabetização de jovens e adultos - a abordagem de Paulo Freire*. Multitemas – Periódicos das Comunidades Departamentais da UCDB, Campo Grande, n. 31, p. 49 - 59, set. 2004.